

POESIA E (DES)ESPERANÇA EM *MINIMAL LÂMINA: DESPOESIA*

Lygia Caselato

| Universidade de São Paulo |
E-mail: lcaselato@yahoo.com

Resumo: Este ensaio analisa os pressupostos poéticos do livro *Minimal lâmina: despoesia*, de Wilbett Oliveira, apontando o seu processo de construção — o seu fazer-poético — fundamentado na própria contradição entre o que se escreve e o modo como devem ser interpretados os poemas, a qual transcende o mero exercício metalinguístico para atingir uma dimensão de sentido mais ampla.

Palavras-chave: Poesia. Literatura contemporânea. Wilbett Oliveira

Abstract: This essay analyzes the poetic assumptions of the book *Minimal blade: despoesia*, by Wilbett Oliveira, pointing to its construction process – its poetic making – based on the contradiction between what is written and the way poems should be interpreted, which transcends the mere metalinguistic exercise to reach a deeper dimension of meaning.

Keywords: Poetry. Contemporary literature. Wilbett Oliveira

Dizem que a crítica engrandece os bons artistas, enquanto permanece temida pelos maus. Uma obra que já foi analisada e comentada por diversos estudiosos e escritores respeitados, e que continua inspirando novas leituras, é no mínimo fértil do ponto de vista da crítica. De onde se presume que também seja fecunda em termos artísticos, pois a arte sempre precede a crítica. A crítica reflete, reverbera e amplia os significados profundos da arte, e se põe como uma “revelação” dela para o benefício do público. Podemos dizer que a arte se realiza quando planta sementes na intelectualidade, tanto quanto alimenta os anseios poéticos do homem comum. Assim é *Minimal lâmina: despoesia*, de Wilbett Oliveira.

A grade teórica que servirá de fundamento para uma crítica filosófica da poesia deverá ser uma filosofia da arte direcionada ao universo poético, que permita interpretar os poemas e explorar as ressonâncias internas do texto de forma não arbitrária.

Entendemos que a literatura satisfaz o ser humano porque é a forma possível do sonho. O sonho encontra no poeta a sua expressão ou realização, e o poeta encontra no sonho a sua sublimação ou elevação. O sonho “desce” enquanto o poeta “sobe”, e ambos se encontram no caminho, na menor superfície possível de contato entre o real e o ideal.

O poeta busca o alto, o sonho, o ideal, mas só pode expressá-lo no mundo real. Entre as palavras concretas e os pensamentos abstratos, haverá sempre um hiato e, no limite, é sempre possível que este contato não ocorra. O poeta precisa procurá-lo, persegui-lo, desvendá-lo, como se observa nesses versos de *Minimal lâmina: despoesia*:¹

digo menos cada vez mais
 nos limites extremos do impossível (ML, p. 182)

O paradoxo da expressão, que implica a sua impossibilidade, alimenta e orienta o percurso do poeta. A expressão é impossível porque assim que uma ideia é posta em palavras ela deixa de ser a mesma ideia tal como havia sido pensada, e adquire uma concretude palpável que pode apenas aludir indiretamente ao seu significado, atuando na melhor das hipóteses como uma metáfora.

¹ Usaremos as iniciais (ML) para nos referirmos ao livro analisado.

O poeta contemporâneo, tanto quanto o clássico, é obrigado a lidar com essa dualidade, com a existência quase platônica de dois mundos distintos e separados (o real e o ideal), com a seguinte diferença, que o poeta clássico conhecia o ponto de inflexão entre os dois mundos aparentemente desconexos e poetava a partir dele, mas não revelava o segredo ao seu leitor, enquanto o poeta contemporâneo expõe esse ponto secreto, explicita em sua obra os meios utilizados, revela a pincelada e desconstrói o sentido pleno ou unívoco da poesia, tornando-a definitivamente aberta e relativa, embora não sem referência à dualidade (forma / conteúdo). As palavras do poeta contemporâneo se tornaram porosas e deixaram de apontar para algum sentido previamente estabelecido pelo artista.

Despoesia — subtítulo do livro em análise — pode significar, então, a tentativa de desfazer o sentido gasto da poesia que “apresenta o milagre, mas não revela o santo”. Despoetar significa revelar a superfície mínima de contato entre o real e o ideal (a *lâmina minimal*), ao invés de utilizá-la sem a ela mencionar. Mostrar que a aparente impossibilidade da expressão se resolve com a própria expressão que, ao abandonar a rima e o ritmo convencionais, instaura outra lógica interna resultante do próprio movimento de subida do poeta.

A poesia fala de algo que diz respeito a todos os homens. Então o poeta é o que alcança este ponto de contato entre absoluto e o relativo, e vem mostrá-lo ao leitor comum, que não iria por si mesmo alcançar essas alturas.

Nesse sentido, Wilbett Oliveira convida o leitor a se colocar nesse ponto de vista, nesse ponto de contato entre o real e o ideal, pois “a poesia é um estado de espírito” (Andrade, 2017, p. 10). O poeta vivencia esse estado de espírito, tenta aprisioná-lo em suas palavras, mas aplica alguma magia capaz de desprender o significado dessas palavras na mente do leitor, que consegue então vislumbrar o mesmo estado de espírito:

quanta solidão
desprende-se do devazio (ML, p. 99)

O paradoxo das palavras, um des-vazio, nos induz a pensar sobre o que será um devazio, e a própria impossibilidade de alcançar

um sentido pleno satisfatório faz com que também sintamos a solidão que se desprende do paradoxo das palavras do poeta.

Sentimentos como angústia, solidão, melancolia, alienação e tristeza são “o sal que tempera a linguagem do poeta” (Andrade, 2017, p. 13). Em contraposição a esse grupo de sentimentos “cor de cinza” (MN, p. 15), percebemos uma esperança que permeia todo o livro, na própria entrelinha da desesperança.

A angústia diante da dificuldade de “transmutar sentimentos em linguagem da poesia” (Andrade, 2017, p. 13) – (que dá sentido ao título: a *minimal lâmina*) pode e deve ser contraposta ao fato de que foi realmente e efetivamente transmutada: o livro está aí, as palavras vieram, o contato ocorre, o sentido brota. O leitor pode sentir e pressentir os estados longínquos do poeta, tornando-se ele também alguém que vivencia o estado de espírito da poesia.

O enfoque duplo — a *lâmina* como busca incessante e “cor de cinza” do poeta, e a ideia de que apesar disso há uma esperança e um otimismo que permeia toda a entrelinha do livro — pode ser constatado nos seguintes versos:

em vão faço um poema
como se estivesse pleno de insólitos
e me alimentasse de silêncios
quando tudo em mim é vazio e nada (ML, p. 17).

O poema, nesse sentido, é tido como uma esperança do fazer-poético, que nunca pode ser plenamente realizada; assim que um sentimento é posto em palavras deixa de ser sentimento, e apenas pode aludir a ele.

A o elaborar vozes/no silêncio de um instante, o poeta se percebe na plenitude do vazio e na tentativa de (im)possível e impassível de extrair o som do silêncio.

E o poeta se põe a “esmolhar aos céus os seus azuis / aos rios, os seus anzóis/ e aos deuses, os seus anjos, numa tentativa de alcançar o divino através da figura intermediária do anjo, sem que o divino oferecesse a dádiva, independentemente do nosso desejo, “como se retivesse a infidelidade do ser obscuro/e dissipasse as desolações do mundo” (MN, p. 20). Para o poeta, o poema, nestes versos, talvez

pudesse servir de mártir para o mundo, como redenção da maldade do mundo. Talvez este seja o tema mais importante do poema, pois é retomado na última estrofe e no título: *Gris*. “Como se nuvens prata [gris] singrassem o céu/das flores de van gogh/e aliviasse as chagas/ desse mundo gris”. Como se o poema também pudesse aliviar as dores de todos os amores.

Em seu fazer-poético, o poeta tenta tecer uma possível ligação clara entre universos incomensuráveis, sem que houvesse um *letes* do esquecimento. Como se pudesse esquecer as mágoas, mas continuar lembrando a grandeza do infinito

O paradoxo é uma figura recorrente na poesia de Wilbett Oliveira, o que se verifica na construção “anônimas realidades” pode ser denotado como a forma que o poema usa para atingir o incomensurável, como se observa nos versos:

como se me alimentasse de anônimas realidades
e atingisse a quarta dimensão da linguagem (ML, p. 22).

Na tentativa de romper os limites do mundo real, a poesia é o seu instrumento, seu aval. Mas se a poesia não é possível, então, ela permanece e se apresenta sempre apenas como uma arma, uma tentativa. Permanece sempre alusiva. Ela é sempre relacionada a esse estado de espírito que busca constantemente o alto, embora não consiga alcançá-lo plenamente, e convida o leitor a acompanhá-la nesse movimento.

O aspecto metafórico da linguagem (a impossibilidade de se expressar plenamente um conteúdo) também aparece no segundo poema, *Minúsculos*.

fossem imóveis lagartos
camuflados nos substratos
dispersando salivas e línguas sobre larvas
que aliviam a solidão das pedras (ML, p. 53)

Nestes versos, podemos entender “os lagartos” como os deuses (as ideias) que, camuflados na matéria (as palavras), dispersam sua fala divina sem palavras sobre as larvas (homens), aliviando a solidão da matéria (pedras).

Outro recurso recorrente, além da metalinguagem e do paradoxo, é a paratextualidade (recurso que nomeia todos os tipos diversos de texto que circundam uma obra literária): a expressão “oxidadas lâminas” aludem ao título do livro e as “chuvas estendidas no sonho impermeável” aludem à epígrafe do primeiro poema. As lâminas estão oxidadas porque a linguagem é sempre relativa; mas há um sonho impermeável nessas lâminas; um sonho que não se deixa oxidar: a esperança do poeta, estampada na entrelinha. Nesse sentido, a esperança traz de volta o tema da moralidade: a poesia como cura para as chagas do mundo:

fossem gotas rebentadas
como grãos de chumbo [gris],
chuvas estendidas no sonho impermeável
de oxidadas lâminas,
que se dispersam na esteira nua
de um tempo morno e seco (ML, p. 57 - grifo nosso)

Em *Minimal lâmina*, o poeta reitera sempre a impossibilidade de realizar essa transmutação, mas na entrelinha, na epígrafe, nos títulos, deixa transparecer sua esperança (na epígrafe “eu chovo, eu vicejo, eu me planto...” – significa eu me transformo / nuvens [gris] alhas que aliviam as chagas do mundo (ressonância com o poema *Gris* – possível alusão ao idoso, que se torna sábio, que aprende a aliviar as dores da alma / “grãos de chumbo” que se dispersam na vida dos homens / o “sonho impermeável” – que não se deixa abater pela dificuldade – quase impossibilidade – de se realizar, e permanece blindado à efemeridade da palavra – a chuva).

A contraposição entre a chuva (fria e úmida) que se dissipa em “um tempo morno e seco” – pode ser lida como uma metáfora para falar do absoluto que se dispersa no relativo da linguagem, assim como a chuva se dispersa em “um tempo morno e seco”. O tempo morno tem sede de chuva fria, assim como o homem tem sede de poesia. O poeta procura saciar essa sede.

Os dois primeiros poemas — *Gris* e *Minúsculos* — apresentam a repetição como uma semelhança em seu aspecto formal. No pri-

meiro, a repetição da expressão “como se”, e a pressuposição da repetição da primeira frase “Em vão faço um poema”, antes de cada verso seguinte do poema, que sempre começa com “como se”. No segundo, a repetição da palavra “fossem”, no início de cada verso. Além do sentido que atravessa os dois poemas, completando a frase “Como se fossem”, e dando a entender que os dois poemas estão relacionados, pois o mecanismo da repetição gera em cada poema uma ressonância entre o seu aspecto formal e o seu conteúdo, uma vez que estabelece um ponto fixo formal (uma palavra ou um verso) que nunca muda, que se repete sempre, representando por isso o absoluto, em contraposição à variação do restante do texto, que representa o relativo, a mudança e o movimento. Como se pela repetição constante de um mesmo verso o poeta pudesse mimetizar o que é eterno e imutável, e por esse meio tentar conquistar o seu acesso a esse mundo superior.

O poema *Escombros* também apresenta uma estrutura formal que emprega a repetição. Todas as estrofes do poema possuem três linhas, e o verso do meio possui sempre um verbo no gerúndio, quais sejam:

a) verbos no gerúndio denotando uma ação — forma nominal do verbo (q. v.), terminada em *-ndo*, — usada para exprimir uma circunstância a formar: “espalhando-se, esgueirando-se, separando-se, recolhendo, tangendo, ressurgindo, acolhendo, devorando, rompendo, rendendo-se, alimentando, tecendo, despidendo, espumando, engolindo, subsoluçando, captando, lambendo, vomitando. Carregando, traçando, destroçando. Os advérbios de modo – ação por fazer – gerúndio – não tem um ponto culminante, é vago, é o vazio que o poeta procura no texto – não diz, apenas sugere. O gerúndio torna o texto presente, como se apresentasse fotografias da realidade: “cromos de mim/espalhando-se / nos espasmos de ruas órfãs” (ML, p. 69). Cenas da cidade, cenas dos sertões, cenas mitológicas, cenas bíblicas, retratadas no presente como espelhos da realidade, como lâminas que refletem o mundo.

b) palavras nas primeiras e terceiras linhas dos versos do poema que indicam cenas de um espelho do mundo: “ruas, tardes, homens, sombras, animais, inverno, estiagens, pássaros, flores, caçadores, vegetação, formigas, sertões, cogumelos, sereias, serpentes, mar, abril, escuridões, itinerários, tempos”;

c) aliteração dos fonemas /s/, /t/ e /p/: “sobras de sol / subsoluçando / um eu solitário”. As réstias de luz (signos do absoluto) não resolvem o

problema da solidão (signo do relativo). Não é possível o poema. Mas aí está o poema: “sobras de sol subsoluçando um eu solitário”. Há um lirismo profundo na sonoridade dos versos.

A metalinguagem ou o difícil exercício de escrever, a impossibilidade de se fazer um poema se revela em *Minimal lâmina: despoesia* (tempo perdido sonhando pasárgadas impossíveis), mas ao mesmo tempo, eles são o próprio poema: a poesia contida nas palavras, no espelhamento e no jogo entre elas (tempos descomedidos, itinerários incomensuráveis, inefáveis pasárgadas; traçando, destroçando) – realiza o sonho impossível do poeta, e funda o paradoxo deste livro que, ao poetar sobre a impossibilidade do poema, já realiza a poesia:

tempos descomedidos
traçando
itinerários de inefáveis pasárgadas (ML, p. 89)
[...]
inefáveis e não-dizeres
destroçando
tempos incomensuráveis (ML, 8. 90)

Em fim, *Minimal lâmina: despoesia*, é muito mais do que um exercício metalinguístico, em que as “estradas famintas” são as palavras, ansiosas por expressar o seu alimento (o ideal) a as ideias nuas (despidas de palavras) dispersam os seus sentidos através das palavras, assim como as “noites com sol” são as “ideias nuas”, as luzes que apagam a escuridão, e que devoram os olhares dos homens, “estradas famintas”. Este livro transcende a expectativa do leitor ao abordar questões ontológicas, do ser-estar-no-mundo, ou da inquietude e desassossego de/em viver, por meio de sua construção paradoxal e caótica como verificamos nos poemas.

Referências

- ANDRADE, Paulo. A poesia nos limites do impossível. *Prefácio*. *Minimal lâmina: despoesia*. São Paulo: Opção livros, 2017. p. 9-14.
- OLIVEIRA, Wilbett. *Minimal lâmina: despoesia*. São Paulo: Opção livros, 2017. Série Poéticas da Agoridade, v. 1.